

NUMEROS

5-6

(V SÉRIE)



ALMA

n o v a

MARÇO

DE

1 9 2 8



A Sagrada Família, — Quadro de Rafael

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)		ALMA NOVA Fundador - Gerente: Mateus Moreno Administrador: Manuel A. Coutinho Junior		REDACÇÃO — ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA Travessa de André Valente, 7 - 1.º E. LISBOA Propriedade e Edição da Cooperativa Editora e Tipografica "RESSURGIMENTO"	
	Pais e Col.	Estr.	Direcção: Dr. Emilio Salgueiro, Dr. Lufs d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno.		
ANO (12 N.ºs).....	25\$00	30\$00	Redactores - Secretarios: Dr. F. d'Ascensão Mendonça. Dr. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt.		
SEM. (6 N.ºs).....	13\$00	16\$00			
NÚMERO AVULSO 2\$50					

S u m á r i o

Capa: — A Família Sagrada
 Os nossos cooperadores e as amiguinhas da revista
 Uma exposição de Arte
 Arte e turismo: Duas portas manuelinas.
 Romantismo senil (soneto
 Marinhas
 Festas e consagrações
 Usos e costumes: Os Perus do Natal.
 Tipos populares portugueses: O homem dos Perus.
 Resenha artística: Música e Teatros
 Resenha dos livros: O ano literário
 Obras recebidas (impressões críticas)
 A Arte e o Riso: Esboço do Riso através da Filoso-
 fia, da Medicina, dos Cancioneiros, de alguns
 Clássicos e de Locuções populares
 Províncias, Ilhas e colónias: Impressões duma via-
 gem através dos Açores

QUADRO DE RAFAEL (sec. XVI)
 FOTOGRAFIAS
 SAAVEDRA MACHADO
 FOTOGRAFIAS
 CRUZ MAGALHÃES
 EMILIANO DA COSTA
 REDACÇÃO
 REBELO DE BETTENCOURT
 SAAVEDRA MACHADO
 NOGUEIRA DE BRITO
 ADOLFO DE CASTRO
 MATEUS MORENO

ARLINDO CAMILO MONTEIRO

M. GOMES DOS SANTOS

Em separata: *Lua de Mel*, comédia em 1 acto de Victoriano Braga. — Pelo texto: Figuras e factos

Amigos da "Alma Nova"

■■■■■■■■

Assim consideraremos todas as pessoas que nos obtiverem 10 assinantes semestrais, se subscreverem duma só vez com uma assinatura ou seu equivalente, ou bajam prestado á «ALMA NOVA» quaisquer auxilios materiais ou morais que lhes dêem jus a esse titulo.

Todos os «AMIGOS DA ALMA NOVA» ficarão com direito a que o seu nome figure sempre nesta página, a receber a revista gratuitamente e a entrar livremente em todas as suas festas, exposições e conferências.

Iniciando a já numerosa lista de boas e liais amizades, ás quais pode dizer-se que se deve a manutenção da «ALMA NOVA», aprás-nos registar até hoje os seguintes nomes:

DR. JAIME DA GRAÇA MIRA, Professor, e Diplomado em Farmácia.
 SR. CRUZ MAGALHÃES, Escritor, Poeta, e benemérito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, — Lisboa.
 DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA, Prof. Advogado, e Escrior — Ltsboa.
 SR. FRANCISCO DAS DORES GONÇALVES Presidente do Centro do Algarve, — Rio de Janeiro.
 DR. F. DO CARMO E CUNHA, Cbefe de Rep. do Min. do C. e Advogado.
 DR. D. BRANCA LOPES MARTINS, Professora, e Escritora, — Porto.
 SR. D. MARIA MADALENA MARTEL PATRICIO, Escritora, — Lisboa.
 « CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA, Escritora, — Lisboa.
 SR. JOÃO SAAVEDRA MACHADO, Artista, — Pedrouços.
 TENENTE SIMEÃO VITÓRIA, Prof. e Escritor, — Loanda-Angola.
 ENG.º A. VELOSO DE ARAUJO, Proprietario, e Escritor, — Famalicão.
 DR. SIMÕES RATOLA, Escritor, — Lisboa.
 CAP. FRANCISCO DA SILVA PINTO, — Lisboa.
 DR. F. GODINHO CABRAL, Oficial do Exército, e Advogado, — Lisboa.
 SR. J. AGOSTINHO FERNANDES, Industrial, — Lisboa.
 TENENTE DE MARINHA J. RODRIGUES COSME, — Macau.
 SR. JOSÉ DE SOUSA GAGO, Professor, — Silves.
 « JOSÉ DE SAMÓRA BARROS, Prof. e Artista, — Albufeira.
 DR. M. PEREIRA DA SILVA, Proprietario, e Jornalista, — Lisboa.
 JOSÉ SARZEDAS, Goarda-livros, — Lisboa.
 ANTONIO GOMES DA COSTA OLIVEIRA, Idem, — Famalicão.

Continua).

■■■■■■■■

A «Alma Nova» não faz política partidária,
 — é uma revista puramente nacional. Ajudar a
 mantê-la é, por isso, um dever de todo o bom
 português.

Lógica... e interesse



— E V. garante-me que uma simples Acção da Cooperativa «Resurgimento» me dá direito a receber a «Alma Nova» sem gastar um centavo?

— E também lhe garanto que basta executar um trabalho na sua tipografia, para ficar imediatamente reembolsado do capital subscrito.

Dos prelos da "Ressurgimento"



Novidades Literárias



O Diabo, Mestre de dança — por Luís d'Oliveira Guimarães. Edição da Coop. Ressurgimento, — Lisboa, 1927.

O dr. Luís d'Oliveira Guimarães acaba de enriquecer a sua já vasta galeria literária com mais um encantador volume de crónicas a que pôs o título jazz-bândico, quasi modernista, de *O Diabo, Mestre de dança*.

Temos sempre um particular deleite em ler os livros deste elegante escritor, cujas páginas, por vezes perniciosas, mas sempre agradáveis, os nossos olhos percorrem e saboreiam como quem toma uma chávena de café.

Viajado e culto, observador e esteta, Oliveira Guimarães não se limita a surpreender os pequenos nada, as futilidades da vida, os seus contrastes e mentiras, no que estas lhe oferecem de frívolo ou ridículo; êle ausculta também por vezes os segredos íntimos dos seres e das coisas, embora o seu espírito-borboleta não se prenda jámais a elas. E bem faz. Que a vida não se fez para andarmos tristes, mas para vivê-la... sorrindo.

"Bagos de Romã", --- por Alberto Rebelo.

Alberto Rebelo, joven actor da companhia Lucilia-Enrico não é apenas actor mas também poeta. Bastaria este livrinho-estrela, — «Bagos de

Romã» — para no-lo impôr como tal, se outras produções dum novo trabalho que brevemente vai entrar no prelo, não fossem já também do nosso conhecimento.

«Bagos de Romã» agora publicado, é um livrinho pequeno — um livrinho singelo em que os olhos não adormecem, porque não tem que demorar-se muito sobre cada página. Cincoenta quadras apeas cinquenta pequeninos bagos duma embriagante doçura. Ora provem:

Foste á fonte buscar água
E na fonte me encontrei,
Sem saberes, nesse dia,
Mais do que a água levaste.

Ou então:

O beijo que tu me deste
Para que o destes assim?
Se quando tu me beijaste
Não me beijastes a mim!

E ainda:

Cabelo negro, em aneis,
Caiado-lhe sobre o rosto.
Hei de sempre descobrir
Coisas que dêem desgosto.

O mesmo livrinho é prefaciado pelo conhecido dramaturgo sr. Victoriano Braga. — M.M.

Registo de entradas

Revistas e jornais:

◊ Nação Portuguesa, semanário do n.º O Brasil e o Hispanismo (conclusão), por António Sardinha. Crónica Internacional, por Pedro Correia Marques. Da Particula «Se» portuguesa, por R. de Sá Nogueira. Portugal regional, por António Martins Afonso.

◊ Dos Prelos. E' o titulo dum utilíssimo Boletim de Novidades bibliográficas que a Parceria António Maria Pereira começou a publicar. No n.º; 4 Ensinamentos aos bibliófilos: I — Ex-libris-mo, por M. Cardoso Marta.

◊ Noticias do Sul: — E' um brilhante semanário Regionalista independente, que sob a direcção do inteligente algarvio sr. António do Nascimento acaba de ver a luz da publicidade em Via Real de Santo António.

◊ «Portugal - América» — Revista Portuguesa mensal, que se publica em New-York, sob a gerencia do sr. João R. Rocha e a direcção literária de Branco Torres. O último número insere colaboração do professor Dr. Fidelino de Figueiredo, Fred. Rosa, Conceição Junior, etc.

Dois êxitos de livraria

Como se aprende a Conversar, pelo Dr. José Guerreiro Murta. Edição da Livraria Sá da Costa. A Nova Guerra e Artilharia, pelo ten. Mateus Moreno. Edição da Cooperativa Ressurgimento.

Na útil colecção «Estudar é Saber», que o Dr. José Guerreiro Murta, convidado pela Livraria Sá da Costa, em boa hora iniciou, «Como se aprende a conversar», o terceiro volume da brilhante série, é, talvez, um dos que melhor assinalam as virtudes literárias e pedagógica do já consagrado escritor que o deu à estampa. O Dr. Murta afirma-se definitivamente neste livro, não só como erudito mas como estilista também. Assim se compreende o êxito formidável que o livro alcançou e continua tendo.

O outro livro que marcou também, não só no mercado literário, mas ainda na opinião crítica, foi o novo volume do nosso camarada de redacção e culto militar, tenente de artilharia Mateus Moreno. Quasi todas as unidades e estabelecimentos militares não esperaram a determinação superior para a aquisição de tão oportuno livro.

Quere alegria e bom-humor
? leia ?



A MAIS GALANTE
E A MAIS ARTISTICA

Revista Portuguesa de Humorismo

A' venda os n.ºs 1 a 3. A sair brevemente o n.º 4. Avulso: 1\$50. Assinatura seis n.ºs: 8\$50.
Pedidos á Travessa de André Valente, 7-1.º E.º — LISBOA

D E S E J A

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

B A R A T O S

?

Faça-se sócio da Cooperativa Editora
+ RESSURGIMENTO +
T. d'André Valente, 7—1.º E.—LISBOA
Sócios de consumo: 1 acção anual de 20\$00
* " interesse: titulos de 25 acções.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Direito
Português**

E

BRASILEIRO

—
Manuel Gomes dos Santos

(ADVOGADO)

(COM PROCURADORIA NO BRASIL)

—
R. VICTORI, 53—3.º

Telefone—C. 3156

L I S B O A

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Fragoso
Fernandes**

Advogado



RUA DO CRUCIFIXO, 75-1.º



TELEFONE C, 310



L I S B O A

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

UMA EXPOSIÇÃO
DE
ARTES



Campanhas d'Africa. — Em marcha

NUM dos últimos dias do ano findo encerrou-se, na Sociedade Nacional de Belas Artes, um belo certame artístico — dos melhores que ultimamente se têm realizado entre nós — e encerrou-se tal como foi inaugurado — sem réclames de prosa laudatória ou noticiarios extensos nos jornais. Era expo-

sitor um ilustre oficial superior do nosso exército, o ten-coronel José Joaquim Ramos. A atitude quási silenciosa das gazetas correspondeu também um certo indiferentismo público, tão peculiar no nosso meio quando se trata de coisas d'Arte.

O pintor José Joaquim Ramos, com quem tra-



Campanhas d'Africa. — A sêde

vámos conhecimento há já bastantes anos, e pelo qual ainda hoje mantemos sincera estima e leal camaradagem, pertence ao número, cada vez mais reduzido, dos verdadeiros e delicados paladinos da beleza, eternos sonhadores ou nobres exilados, que procuram no recolhimento calmo dos *ateliers*, ou na contemplação amorável da natureza, o encanto espiritual das mais puras emoções. Trabalhador metódico, desafectado e culto, cedo se deixou empolgar pela Arte e de há muito que tem vindo a perscrutá-la e adorá-la silenciosamente, possuído da mais comovida e duradoura das afeições, sempre cheio de inexcedível e enternecedora persistência, como namorado fiel que não falta aos combinados encontros nem olvida jãmais os seus amores... Que Joaquim Ramos tem sido um devoto constante e fervoroso da beleza, além dum obreiro incansável digno de todo o apreço, prova-o, sobejamente, a sua exposição que visitámos e na qual admirámos 117 trabalhos de pintura a óleo, desenho e água forte. Claro que nem todos êstes trabalhos obedecem a uma técnica homogênea, nem o seu autor desejou, ao expô-los, fazer entre êles uma selecção rigorosa. E procedeu bem. Se a fizesse, julgamos que Joaquim Ramos esconderia injustamente dos apreciadores uma parte notável da sua arte e da sua original personalidade artística—um tanto ou quanto nómada—que têm andado encoberta, caso curioso e raro!, sob uma farda de oficial do Estado Maior do nosso exército. O pintor, que percorreu alguns dos

mais diferentes recantos do mundo, nem sempre teve o tempo necessário para os estudar devida e atenciosamente, como desejaria. Mas isso, a nosso vêr, nunca seria razão forte para deixar de expôr junto dos seus trabalhos de maior responsabilidade, essa adorável série de pequenos estudos onde soube fixar algumas deliciosas impressões! Podem nem todos impôr-se pela consistência dum desenho sólido, mas valem, inegavelmente, pela espontaneidade e frescura da côr, e ainda pelo sagrado poder da evocação.

Todos êstes pequenos apontamentos tem a sua história: Relatam um facto, um episódio, sugerem qualquer recordação estimável.

Há na arte do nosso pintor uma resumida parte de *academismo* e uma ânsia bem manifesta — e até por vezes afirmada — de *modernismo*, mas êste sem alguns simpáticos exagêros dum Picasso ou dum Luc Albert Moreau. Monet não teria deixado de admirar, se as tivesse observado como nós, as formosíssimas telas intituladas "Olaias", e "Noite chuvosa", ambas de surpreendentes e admiráveis efeitos de luz. Desdobrando-se, multiplicando-se, abrindo asas ao seu espírito curioso e vibrátil. José Joaquim Ramos é um paisagista de sentimento que afirma o seu valor nos quadros intitulados "Anoitecer", "Manhã nevoenta", "Entrada de solar", "Poente", "Paisagem africana" e "Dongos abandonados"; é um pintor etnógrafo que se revela nos trabalhos que têm por título "Fiandeira", "Capuchinha do Barroso", "Arraial", "Quintal alentejano", "Spadaro" e "Romeira da Agonia"; é um pintor de marinhas, nas suas telas "Praia de Cabedelo", "Mar nevoento", "Tirando o barro", "Mar tranquilo", "Na praia", e outros; é um desenhador muito apreciável nos flagrantes apontamentos d'"A vida a bordo", "Flores d'Africa", "Mondadeiras", "Pastor alentejano", "Casa de Colono", e tantos mais.

Em todas as suas diferentes modalidades a arte de José Joaquim Ramos não acusa apenas uma técnica fácil, laboriosamente ganha em largos anos de aturado estudo, estando muito perto de vencer em absoluto as maiores dificuldades; ela mostrar-nos também a realização, parcial, ou completa, dum sonho intensamente acarinhado, a fé inquebrantável por um ideal superior, e ainda — forçoso é dizê-lo embora isto vá ferir a modéstia do homem e do militar — uma grandeza de alma de verdadeiro artista bondoso e complacente. O sentimento, a melancolia, a factura habitualmente amorosa e bem sentida da quasi totalidade dos quadros de Joaquim Ramos, e até os nomes de batismo de alguns desses quadros, como sejam os intitulados: "Friorentos", "Irmãos", "No asilo de caridade", "Céguinha", etc, fazem do pintor também um poeta estranho, cheio de emoção. E ainda nos trabalhos em que êle trata exclusivamente de assuntos militares, se revela, sem dúvida, o seu temperamento bem amorável e humano. Por mais que tivéssemos procurado não conseguimos descobrir nesses trabalhos a menor revelação

dum temperamento imperioso de mititar no que este possa ter de combativo ou de violento. Nada que nos fizesse recordar algumas telas de Menzel, de Meissonier, de Morot, de Neuville, ou de Detaille. Diante dos quadros de José Joaquim Ramos ficamos surpreendidos, porque não vimos o desencadear tempestuoso das batalhas, não assistimos ao rodar tremulante e pesado dos canhões, às loncas arremetidas à baioneta, nem às impetuosas cargas de cavalaria. Ausenta-se das suas composições pictóricas a representação da luta do homem contra o homem, as suas violências sanguinárias, tudo quanto nele ainda existe de animalidade incontestada e grosseira... Nas telas militares de Joaquim Ramos o homem luta, é certo — mas lucha contra as intempéries do clima, contra os obstáculos do caminho, ou contra as agruras da sede. Não fere nem mata o seu semelhante. Pelo contrário: auxilia-o, como se mostra num dos quadros d' "A sede". A sua heroicidade é calma; simpática e resignada. Basta olharmos para a formosa tela intitulada "A marcha" e observarmos as expressões fatigadas e tristes, os gestos descompostos, quasi abandonados, daquelas figuras sofredoras que vão caminhando dignamente, curvadas ao sagrado cumprimento dum dever, subjugadas e atraídas pelo mistério do seu destino! Elas ficam-nos bem gravadas na alma — por tudo quanto possuem de flagrante verdade, de intensidade expressiva, de abnegação comovedora, de poderosa força emocional e de inapagável beleza.



Saavedra Machado

Campanhas d'África — A sede

R o m a n t i s m o S e n i l

Uma vez só te vi remotamente,
Soberba e nua, estátua de museu!
Olhos em fogo, mas severa a mente,
Pude conter-me, e fiz-me estátua eu!

Tudo em meu sêr exausto se perdeu!...
Ficou-me essa visão resplandecente,
Que o destino falaz me concedeu...
Para sempre a sentir de mim ausente.

Ao findar-se esta vida tormentosa,
Um só desejo lindo me apetece,
Nêle minha alma extasiada goza.

Lembrança vã, que tanto me entenece:
Rever-te envolta em nuvem côr de rosa
Formada pelos beijos que te desse.

Junho de 1922

CRUZ MAGALHÃES

Arte e Turismo

■

DUAS FORMOSAS
PORTAS MANUELINAS
NUMA HISTÓRICA
POVOAÇÃO DO
ALGARVE

■



Outra porta manuelina da igreja matriz de Salir.



Porta principal, em estilo manuelino, da igreja matriz de Salir

Já algures o escrevemos e o sr. dr. Leite de Vasconcelos o confirmou em um dos números do *Archeólogo Português*, o Algarve não é prodígio em monumentos das eras passadas; no entanto, o investigador alguns lhe encontrará ainda, onde possa recrear o espírito cioso de gratas evocações.

As 2 portas manuelinas que hoje reproduzimos pertencem á igreja Matriz de Salir, histórica povoação do coração do Algarve, pertencente ao concelho de Loulé, àcerca da qual publicaremos no próximo número um belo estudo do sr. Manuel Moutinho.

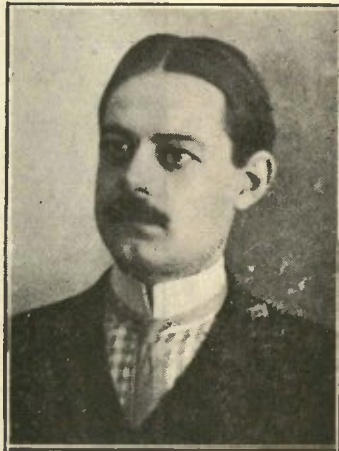
ACTUALIDADES

FIGURAS E FACTOS



Dr. JOSÉ PEREIRA FAISCA

Culto espirito de elite e nosso querido assinante, que no consulado de Oran (Argelia) soube conquistar as melhores simpatias e que do mesmo consulado acaba de ser transferido para o de Fiume (Italia)



DR. JOAQUIM JOSE DE BARROS licenciado em sciencias historico-naturais pela F. S. da U. L., cuja tese de Doutoramento, sob o titulo "Sociologia Botânica", um curiosissimo trabalho que coloca o seu autor entre os nossos mais considerados investigadores scientificos.

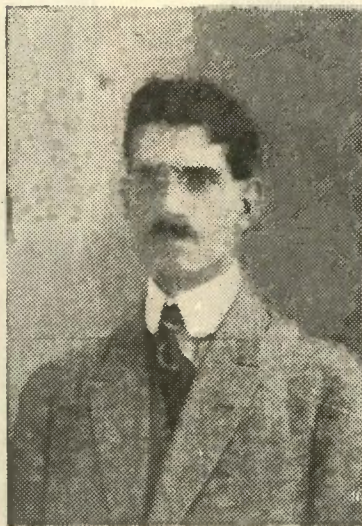


MENINA MARIA TEREZA ESPADINHA MILREU,

gentil filha do capitão de infantaria sr. Manuel Pereira Milreu, de Faro, e uma das mais distintas alunas do liceu de João de Deus, no dia da sua primeira comunhão.



DR. M. GOMES DOS SANTOS, que foi elleo Presidente do Orifeão Académico de Lisboa.



NUNO CATARINO CARDOSO Nosso velbo amigo e colaborador, que foi recentemente condecorado com o grau de Oficial da ordem Militar de S. Tiago da Espada e a quem mais uma distincção acaba de ser conferida: a sua colocação definitiva no lugar de chefe de Secretário Geral do Ministerio da Agricultura, que interinamente desempenhava desde 1926.



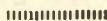
O malogrado aviador capit. Gonzaga, cuja memória gloriosa Coimbra recentemente bomenageou.



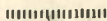


Dr. ASCENSÃO CONTREIRAS

Conceituado médico em Lisboa, é um velho e indefectível amigo da «Alma Nova» a quem foi confiada a direcção clínica do estabelecimento termal ha pouco reaberto «As Alcaçarias do Duque».



Os nossos cooperadores



Dr. FRAGOSO FRENANDES

Distinto advogado em Lisboa e opoento proprietario no Alentejo, descendente duma das mais illustres familias do concelho de Evora, que á «Alma Nova» e á Cooperativa «Ressurgimento» acaba de offercer o seu apoio, inscrevendo-se no numero dos seus accionistas



MARIA da GLORIA MENDONÇA MORENO

Interessant filhinha do nosso bom amigo e devotado assinante, alferes José Tomás Moreno, culto professor do liceu de Faro, e que actualmente se encontra passando uma temporada em Lisboa com sua mãe

.....
e
.....

as

amiguinhas

da

'alma

nova,



EDLA CALADO DO CARMO E CUNHA

gentil filhinha do nosso querido amigo sr. Americo do Carmo e Cunha, d guisssimo escrivão de direito em Lisboa, é uma das mais lindas e azougadas amiguinhas da «Alma Nova»



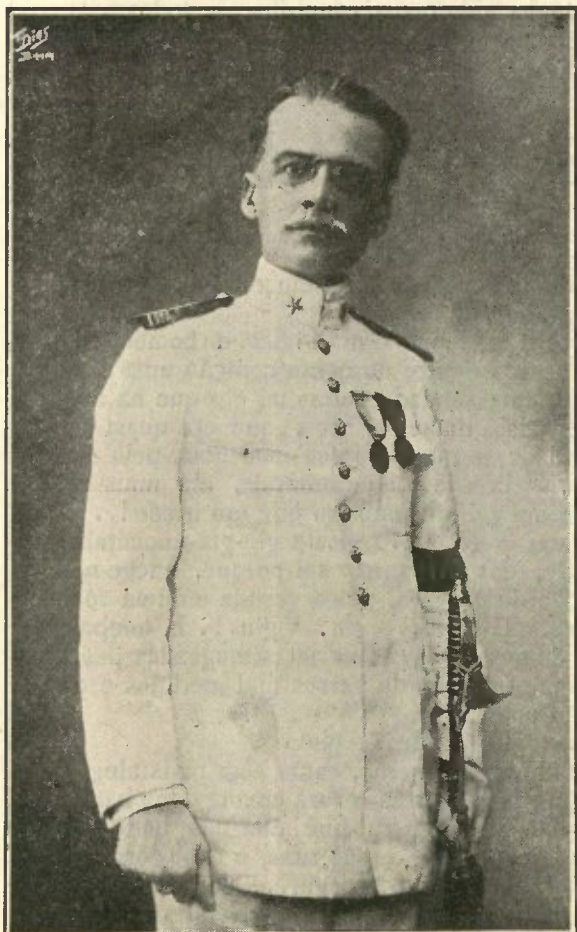
N O M M U N D O
d a
L s
e
t
r
a



ALBERTO REBELO
que publicou o livro de quadras,
«Baços» de Romã»



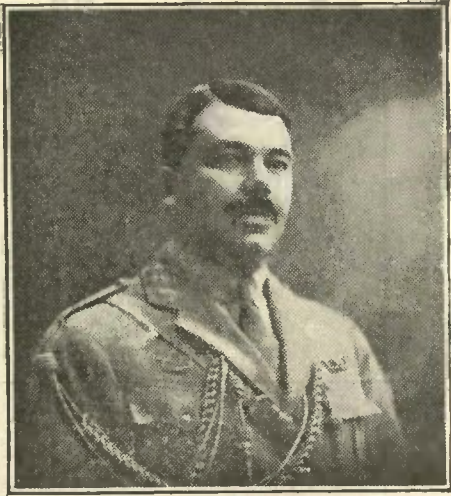
DR. M. F. DO ESTANCO LOURO,
autor do livro
«Os Lusíadas e o Povo Português»



DR. EGAS MONIZ BARRETO D'ARAGÃO
(Pethion de Villar)
O grande poeta baiano, de quem sairá por todo o mês próximo,
dos prelos do Ressurgimento, o livro póstumo "Poesias Escolhi-
das", prefaciado por Eugénio de Castro.



JOÃO MARIA FERREIRA,
que publicou um belo livro de versos, com o título
«As minhas orações»



Na festa de despedida dos Professores

da
E s c o l a M i l i t a r

Palavras proferidas
pelo Sr. Coronel
Mário de Campos

Meu Ex.^{mo} General e meus Camaradas :

Duas palavras apenas.

Tendo dedicado à antiga Escola de Guerra — hoje Escola Militar — alguns anos da minha actividade docente, tendo-lhe consagrado o melhor da minha modesta intelligência, o melhor do meu esforço, o que pude depurar de uma labuta scientifica sem tréguas, sinto que me não era talvez lícito conservar-me silencioso no momento em que a deixo para sempre.

Mas os homens passam, e as coisas ficam, e eu olharei sempre para a instituição que servi o melhor que pude, como quem olha para um pedaço da alma que ali deixou.

Esta festa que nos reúne aqui é a demonstração bem visível do que há de permanente no sentimento que nos congrega.

Vão uns, veem outros, tudo se renova, só uma coisa permanece: o ideal da Pátria, que é imarcescível, e o sentimento do dever cumprido, que é a verdadeira recompensa dos que trabalham pelo seu país, seja em que esfera fôr. Este sentimento de confraternidade é o melhor penhor do esforço colectivo e dos frutos que dele podem e devem esperar-se.

Levanto pois a minha taça para saudar V. Ex.^a e os meus illustres camaradas, irmanados nesta manifestação de solidariedade e de simpatia pelos seus antigos companheiros, entre os quais me ufano de ter occupado um lugar, ainda que esse lugar tenha sido o mais humilde de todos.

Pelas prosperidades de V.^{as} Ex.^{as}, pelo futuro da Escola que todos estremecemos, e pelo engrandecimento da Pátria e da República.

Tipos, Usos e costumes portugueses :

OS PERÚS DO NATAL

No Album de Esmeralda Saavedra Machado

Não é preciso consultar a folhinha do *Borda d'Agua*, nem espreitar, desfolhando, as pétalas do pequenino bloco do calendário, que como as de uma rosa qualquer, de jardim cuidado e mimoso, ou de sebe de caminho estriado, vão caindo e morrendo—dia a dia caindo, no espaço lento dum ano para reconhecer as passadas do velho Natal que se apróxima, que na época própria vem bater-nos à porta... E' este glu-glu monótono dos perús que passeiam preguiçosamente pelas ruas de Lisboa que nos anuncia o Natal. Quando os perús aparecem, quando o saloio, carapuço á banda, calça apertada nos canelos, os traz daí dos arredores á ponta da sua vara, e o apregôa ao apetite dos alfacinhas felizes — é porque o dia de Natal não anda longe!

Natal! Natal!...

E a gente ao ouvir este glu-glu monótono e tristinho lembra-se da nossa infancia, dos Natais da nossa Terra, que compreendíamos e amávamos melhor, porque então Jesus, pequenino e aconchegado no seu bercinho pobre, era quasi da nossa idade, era quasi um irmão... Só a pureza da infancia pode comp'ender a alma doce do menino Jesus, humilde, pobresinho, no aconchego bento e môrno duma arribana, que os Reis Magos visitam e os amimaes mansos e bons aque-

cem com o seu bafo e iluminam com a ternura dos seus olhos...

E o pregão, longo e nostálgico, do homem dos perús, acorda dentro do nosso coração uma doce saudade, uma saudade velhinha, em que ha ainda o sorriso duma criança, que era quasi da nossa idade, e que pela sua inocência, pela sua ternura, pela sua idade humilde, era mais do que um amigo, era mais do que um irmão!...

Aí vem o Natal!... Este glu-glu monótono, arrastado, dos perús, não sei porquê, enche-nos o coração duma vaga, duma grande e duma doce tristeza... Glu-glu... glu... glu... E tombam dentro do nosso coração as notas magoadas desta monótona cantilena, de versos mal medidos e de rima tão pob e...

Glu... glu... glu... glu...

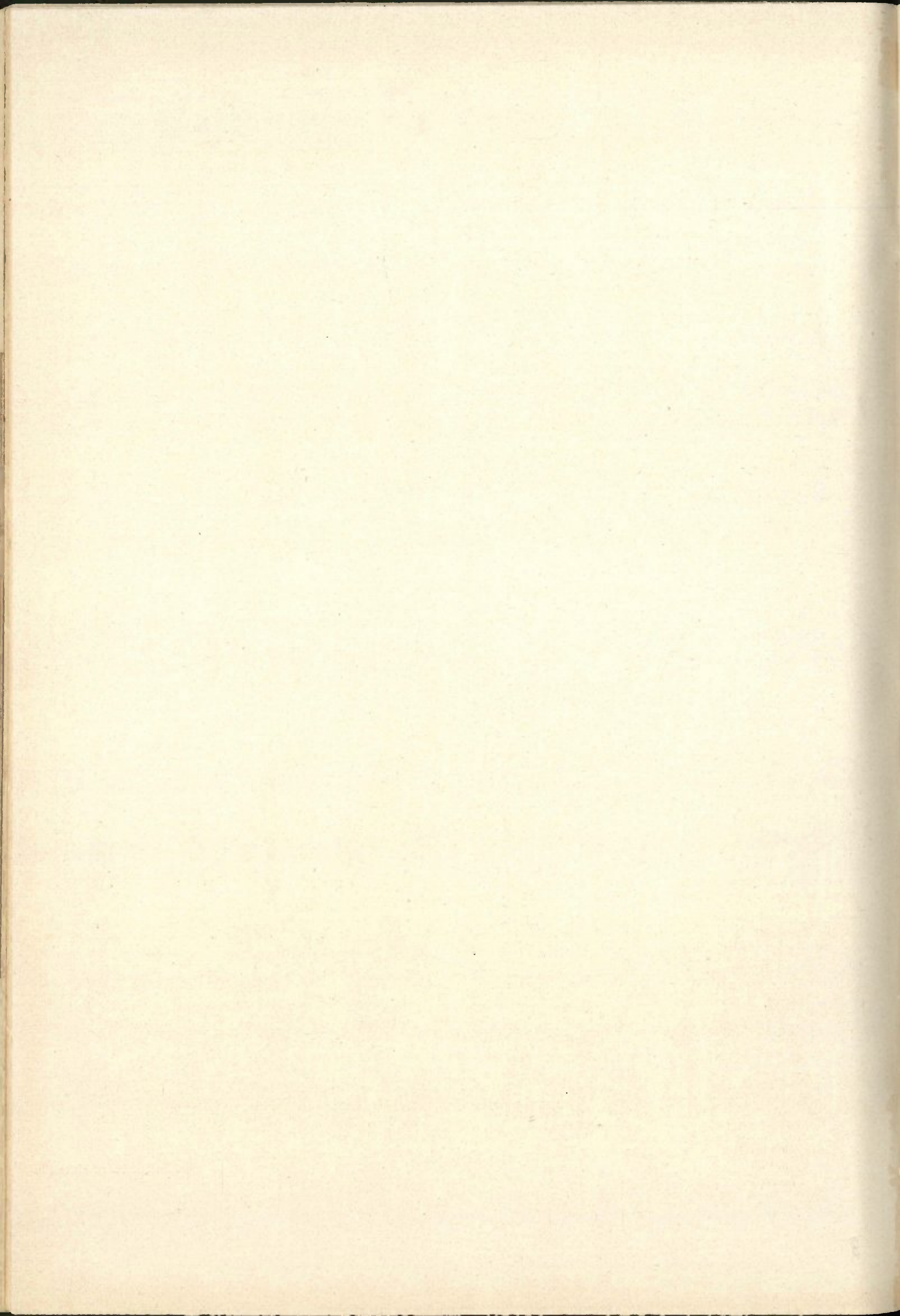
O' homem dos perús, canta com mais alegria o teu pregão e com essa vara enxota o teu bando nostálgico de maneira que êle não ande tão arrastadamente por essas ruas, e não gorgoleje com tanta nostalgia o seu glu... glu... Dá-nos a ilusão de que todos, na noite de Natal, os pobres e os doentes, tenham, como os ricos, também o seu Perú nas suas mesas.

Dezembro, de 1927.

Rebello de Bettencourt



Tipos populares portugueses — O Homem dos Perus



RESENHA DOS LIVROS:

O Ano Literário

Crónica do Ano - Novo
por Adolfo Faria de Castro

Este frio Janeiro — mais do que frio, glacial! — que nos penetra o organismo em picadas de má disposição e de desalmado mau-humor, é o eterno prenúncio do furor do ano que entra e, curiosamente, vasculha a casa que vai ocupar durante doze meses consecutivos — e mais um dia que o pretérito 1927, que nunca se lembrou de ser bisexto. Esse 1927 entra na sonhada immortalidade da história e, daqui a dias, ninguém mais se lembrará do muito mal que nos fez e de todo o bem que nos negou. Ninguém terá para êle uma saúdade — a mais pequena saúdade. Todas as atenções incidirão sôbre o sorridente 1928, alma cheia de promessas e de coisas maravilhosas. E, no entanto, é sempre bom recordar os dias caídos na ampulheta severa do Tempo; é mesmo conveniente, num fugidio olhar retrospectivo, trazer ao nosso espírito o ambiente literário de 1927. Existiu, na verdade, ambiente literário no cessante ano de 1927? Não; infelizmente, não. E êsse mal, êsse prejuizo mental, prossegue, não desanima. Não há prémios que estimulem, não há protecção official que secunde ou abrace qualquer iniciativa literária e — pior do que isso — não há público leitor. A pesada percentagem de analfabetos esmaga a minoria que lê e o escol que escreve. 1927 não legou aos nossos dias acontecimento algum, denotando assombro. Mas, com um meio assim, que se há-de esperar? No entanto, há livros que merecem registo, há obras que me obrigam a ter uma certa consideração pelo espírito literário de 1927. Nem tudo nos levará a descreer, a perder a confiança, que tão necessária se torna no proceloso mar desta ingrata vida...

*

Raul Brandão enriqueceu a bibliografia insular com as impressões nostálgicas de «As Ilhas Desconhecidas».

O Dr. João de Barros trouxe da sua missão de Beleza e Arte ás fontes do helenismo as páginas vivas de «Grécia, Musa do Ocidente».

O dr. Brito Camacho, num volume simples, recortou descrições de «Jornada».

Eduardo de Noronha deu-nos dois livros: um com subsídios para a história do período de «Fontes Pereira de Melo» e outro com «Reminiscências do tablado».

Rocha Martins, além de «Pimenta de Castro. Ditador,» publicou os últimos fascículos da sua importante «História do reinado de D. Carlos».

Delfim Guimarães, em sentidos e vibrantes

versos, falou do ritmo da sua alma e da «Alma Portuguesa».

Sousa Costa, com a elegância da sua prosa, traçou o romance duma carioca no «Amor 1.º, o cruel».

Manuel Ribeiro, extraiu da sua visita a terras alentejanas a beleza soberana da «Planície Heroica».

André Brun teve um volume póstumo: «A Sogra do Barba Azul» e Patrocínio Ribeiro um outro: «A Nacionalidade Portuguesa de Cristovão Colombo.»

Afrânio Peixoto, conquanto seja brasileiro, viu publicado o seu estudo camoneano «Dinamene».

Emília de Sousa Costa, tendo iniciado com êxito uma colecção infantil, nela publicou, após os «Contos do Joãozinho», «Castelos no ar» e «Perú Aviador»; e, igualmente, fez brilhar a pena nas «Cartas a uma brasileira».

Helena de Aragão reuniu, num volume só, os dois volumes de «Ruínas», o romance que tão apreciado foi pelas muitas leitoras da «Eva».

Aurora Jardim Aranha escreveu, em côres serenas, um «Romance Branco» e fez reeditar «Farrapos de vida viva».

Mercedes Blasco enfeixou pequenos perfis de figuras literárias e extra-literárias, dizendo-nos «Como êles são».

Duarte Lopes, com uma intenção de moral religiosa, levantou um altar a «Santa Rosa do Ermo».

António de Cértima, antes de partir para o seu lugar de consul em Dakar, publicou «O Ditador».

Ferreira de Castro continuou a sua vertiginosa produção, construindo as novelas vibrantes e sugestivas de «O vôo nas trevas».

Ema dos Santos Fonseca deu-nos um interessante volume sôbre «A Arte do Canto», em que alia os seus conhecimentos literários ao culto duma arte bela. De estudos musicais é o livro com que Alfredo Pinto (Sacavem) comemorou o centenário de «S. Francisco de Assis». Pura elegia às seráficas virtudes do solitário umbriano, é a obrasinha em verso, de Clotilde Mateus, intitulada «O Pobrinho de Assis».

Laurindo Costa, proseguindo na sua colecção de estudos sôbre a ourivesaria, deu-nos «As contrastarias em Portugal», trabalho que já analisei na «Esmeralda», a revista da especialidade.

Reedições houve poucas; lembro as de mais alguns volumes das «Farpas», de Ramalho, e a dos primeiros volumes da «História de Portugal», de Herculano.

Traduções não faltaram. A casa Bertrand reeditou «Cortezã de Sagunto», «Jesuitas», «A Catedral», «Flôr de maio», «Por entre laranjais» e «Os mortos mandam», de Blasco Ibañes. A Fluminense iniciou a colecção dos romances do grande Guido da Verona com «A vida começa amanhã» e, igualmente, publicou a tradução da mais conhecida novela da prosadora mexicana, Maria Henriqueta «El secreto» (*O segredo*). As traduções da Casa Figueirinhas e da Livraria Civilização são inúmeras: mas há que destacar a «Colecção de hoje», iniciada em fins de 1926, e na qual tem sido divulgados autores notáveis como Alberto Insua, Clement Vautel, Pierre Benoit, Palácio Valdez, José Francês, Hernandez Catá e Hernandez Flores. Em outras colecções, tem a Livraria Civilização publicado diferentes romances e, para breve, se anuncia «No coração da vida», de Pierre Coulevain. A' secção editorial da «Alma Nova» pertence «O louco amor», sugestiva novela de Ramon Maria Tenreiro, cujo successo é notório. E em português publicou Enrique Molina, ilustre encarregado dos negócios de Cuba, a sua conferência sobre «Divulgações jornalísticas de Justo de Lara», sobre a qual apenas direi que me foi confiada, pela sua muita amizade, a tradução, que saiu num folheto excessivamente gralhado.

Dois factos há a assinalar: a «Semana do Livro Brasileiro», iniciativa levada a efeito no Porto, devido à intelligência do decidido livreiro portuense Fraga Lamares; e a «Exposição de Exlibris», que tam dilatado êxito alcançou e de que foi alma Luís Derouet, cruelmente assassinado, e a quem devo a honra da inclusão, na separata publicada pela Imprensa Nacional, do artigo que sobre o assunto escrevi na «Ilustração».

Há mais dois livros de que tenho conhecimento: — um é «A Nova Guerra e a Artilharia», páginas magníficas de actualidade, cinjidas pelos conhecimentos de tática militar do seu autor, o tenente Mateus Moreno; o outro livro é aquele em que o dr. Guerreiro Murta nos diz «Como se aprende a estudar», ao qual um outro segue (*Como se aprende a conversar*), para início brilhante do ano de 1928.

Quanto a 1927, é o que me cumpre assinalar, sob o aspecto literário. A minha estante não me convida a mais.



Obras recebidas:

(*Impressões críticas de Mateus Moreno*)

Os Lusíadas e o Povo Português, I — No vocabulário, pelo Pof. Dr. M. F. do Estanco Louro.

O autor pretendeu neste seu livro curiosíssimo provocar a íntima e apaixonada aliança entre o Povo e os Lusíadas — «o cofre sacrosanto de tôdas as nossas glórias, o símbolo, a

cristalização pura de todos os sentimentos do povo português, das nossas aspirações, da nossa civilização», como regista; «o Livro dos Portuguezes», «a nossa Bíblia», como insiste.

Ao aspecto e carinho com que propugna aquela aliança, não é inferior a meticulosidade científica a que, com trabalho improbo, rigorosamente, se submeteu e com a qual mostra, já agora irrefutavelmente um dos aspectos até hoje mui pouco conhecidos do livro immortal. — *A linguagem popular, o português puro do nosso povo* «que pena e labuta» tem nos Lusíadas um lugar de absoluto destaque. O autor inventariou 375 palavras (exceptuadas as flexões) que têm a forma popular — forma que é exclusiva em mais de metade delas. A afirmação nua de que os Lusíadas são um livro puramente erudito fica assim desfeita; mostra-se ainda que é absolutamente falso o outro conceito vulgar de que Camões latinizou a nossa língua — factos que o autor aproveita para afirmar que é mais curto do que se pensa o caminho que o povo tem que percorrer para chegar à compreensão do Poema.

Propugna — e honra lhe seja, porque é ne esário — por que este caminho se aplane "ao menos por justiça" pela memória do grande épico; por que as edições do Poema s jam uma cópia fiel da 1.ª edição, actualizando-se apenas a ortografia e a pontuação.

E' o primeiro trabalho de estilometria na Literatura Portuguesa e tem uma conclusão de uma actualidade flagrantíssima: Camões não precisou de neologismos desnecessários para atingir o sublime, no estilo; bem ao contrário de escritores de hoje, sobretudo brasileiros, que vão inçando a língua de neologismos arripiantes, e... estragando-a.

E' um livro que notabiliza o autor, discípulo durante três anos na Cadeira de Estudos Camonianos — que é uma honra para o seu grande mestre, o Sr. Dr. José M. Rodrigues, e que é indispensável para todos os que desejem ler conscienciosamente a nossa Bíblia.

A edição, muito bela, é do autor, sendo depositários a Livraria Pacheco da R. do Mundo, n.º 79, e a «Alma Nova.»

As A'guas termals das Alcaçarias do Duque — pelos Srs. Prof. Charles Lepierre e Dr. Ascensão Contreiras. Lisboa, 1927.

O dr. Ascensão Contreiras, nosso velho amigo e ex-camarada de redacção, é um clínico especializado em hidrologia e doenças nervosas, que apesar de bastante novo ainda, já conseguiu conquistar as melhores simpatias no campo médico.

A Ex.^{ma} Administração da Casa Cadaval, escolhendo-o para director clínico do estabelecimento termal "As Alcaçarias do Duque", ha pouco reaberto ao público, procedeu com muito acerto. Antes de reabertas as preciosas termas, foi espalhada a pequena brochura e que nos referimos hoje e em que o dr. Ascensão Contreiras faz

a historia daquelas antiquíssimas aguas e analisa as suas virtudes terapêuticas.

Subsídios para a História da Gravura em Portugal, — por Luís Chaves, — Edição da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Luís Chaves, pasciente etnógrafo e operoso erudito, é um dos melhores valores da geração moderna, no domínio das sciencias históricas.

A história da Arte portuguesa deve-lhe já algumas contribuições muito apreciáveis, e agora mesmo o jovem investigador lhes acaba de tributar um novo trabalho, a todos os títulos excelente. Intitula-se «Subsídios para a história da gravura em Portugal, e são cêrca de 200 páginas em optimo papel, acompanhadas de várias gravuras em separata reproduzindo estampas antigas.

O livro divide-se em três partes, que se subdividem nos seguintes capítulos: 1.^a — A gravura e a Imprensa; 2.^a — A Academia Real da Historia; 3.^a — Colecção de Gravuras.

2.^a Parte: I — Lista de alguns Gravadores; II — Escola de desenho e gravura.

3.^a Parte: I. — Significado dos «Registos de Santos», II. — Romarias Internacionais; III. — A Evolução dos «Registos»; IV. — Gravura de de um registo de Santos com os retratos de D. João V; V. — A degeneração dos desenhos e gravuras do Mestre; VI. — «Registos» ex-votos; VII. — Gravadores de «Registos»; VIII. — Litógrafos de «Registo»; IX. — Editores, Fabricantes, Oficinas de «Registos de Santos». Notas.

O penúltimo trabalho de Luís Chaves, *Os baristas portugueses*. (Nas escolas e no povo), igualmente editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, foi também, como o presente, um livro que não só muito honra a colecção da Imprensa editou, mas propriamente a Arte portuguesa.

Um sábio português: O professor Vergílio Machado, — pelo Dr. Arlindo Camilo Monteiro.

O erudito autor do «Amor Sáfico e Socrático» e de «El Peccato Nefando in Portugallo ed il Tribunale dell' Inguiscine» é não só um medico distintíssimo mas um dos nossos mais conscenciosos, cultos e elegantes escritores de assuntos de investigação e médico-juridicos. A sua prosa é leve fácil, sem deixar de ser tralhada; e os seus estudos sugestionaram sempre pelo interesse geral que nos revelam e pela forma exaustiva como os assuntos são neles tratados.

O trabalho sobre o illustre e saudoso professor Vergílio Machado, que o autor nos acaba de remeter com imercida dedicatória, é uma biografia que marca nos anais das letras pátrias e que honra tanto o homenageado como o homenageador. Apressando-se a pagar-lhe o seu tributo de gratidão, encerra assim o seu trabalho o dr. Arlindo Monteiro, referindo se ao sábio pro-

fessor: «Foi a sua vida exemplo de amor da verdade e da investigação scientifica, à qual rendeu generoso tributo, e bem digna é por isso, a sua memória não só pelas homenagens da pátria, como também do feito reverente dos estudiosos da sciência.»

“Os meus livros de Orações”,
— por João Maria Ferreira, Lisboa, 1927.

Outro nome sobre o qual nos é grato deixar hoje aqui registadas algumas considerações, é o do autor de «Os meus livros de Orações», sr. João Maria Ferreira — um poeta de feição mística, por vezes bastante emotiva, que já não carece de apresentação, porque a sua obra poética abundante e vasta, tem sabido conquistar os melhores louvores de muitas e categorizadas penas do jornalismo e das letras, como o falecido e primoroso poeta Dr. Xavier da Cunha e os srs. Alfredo Pinto (Sacavem), espirito culto duma sensibilidade requintada e autor de muitos e apreciados trabalhos; José Agostinho, jornalista e historiador literário operoso e erudito; Nuno Catarino Cardoso, um dos nossos melhores autologistas contemporaneos; Pe. Nunes Tavares, antigo colaborador de «A Vanguarda»; Edurisa brilhante jornalista do Porto, e tantos outros.

Um lamentável mal entendido trouxe afastado da «Alma Nova», durante mais de 3 anos, o illustre homem de letras a que hoje nos referimos.

Adquirida, porém, a convicção de que nestas páginas se procura sempre fazer acima de tudo justiça, o escritor pôs de lado injustificáveis melindres e voltou a remeter-nos os seus livros. Muito obrigado pela decisão.

Nesse triénio, o sr. João Maria Ferreira publicou, afora «Os meus livros de Orações», mais dois curiosos volumes: «Cantigas», envolvido numa linda capa de João Carlos e «Cronicas e Notas de Viagem», compilação de artigos de jornal.

Falemos das «Orações». Abre o autor o livro com a explicação, em felizes sonetos, da devisa que escolheu para o seu Ex-libris: *Por Deus, Com Deus, e Para Deus*. O poeta consegue comunicar-nos a sua religiosidade íntima; e heis quanto basta para o recomendar.

As restantes páginas são as Orações dagente humilde e simples, como a «Oração da Montanha» o «Padre Nosso», a «Avé Maria», «Salvé Rainha» e o «Bemdito», são duas lindas preces a «Nossa Senhora da Agonia», de Viana, por assim dizer estilizadas em pinceladas poeticas de uma cor que não fere apenas a retina, mas que se nos comunica á alma.

João Carlos e D. Constança Machado, ilustraram o livro com algumas composições felizes.

«Os meus livros de Orações» podemos assim dizê-lo, é um dos melhores trabalhos do sr. João Maria Ferreira.

No próximo n.º: Auto-críticas — Irene e Ilda.

RESENHA ARTÍSTICA:

O TEATRO

Três acontecimentos de pólpa assinalaram a temporada artística depois da nossa última crónica: a inauguração dos concertos sinfónicos, a vinda de Johann Strauss e as récitas da companhia Italiana de declamação de Ema e Irma Gramática. Cada um destes acontecimentos marca um aspecto de arte e todos êles significam esforço pela defículdade que representa em qualquer a sua realização. O público lisboeta, pretenciosamente desconfiado, quasi abandonou, por completo, os espectáculos da companhia Italiana, embora nos concertos sinfónicos e nos serões straussianos tivesse sido mais solícito e expansivo.

E' evidente, que a par dum «crescendo» de interesse por todas as manifestações musicais, caminha um flagrante alheiamente por exhibições do teatro declamado.

O gosto pela música toma dia a dia um iniludível incremento, que contrasta com a quasi indiferença pelo teatro.

NOGUEIRA DE BRITO

N. R. — Devido ao forçado atrazo deste número, não são publicadas, por extemporâneas, as referências críticas aos acontecimentos no corrente trimestre ocorridos.

Cartaz do mês:

NACIONAL — Fechado.

S. CARLOS — »

S. LUIS — A's 21 — «A Princesa do Circo»

TRINDADE — A's 21.15 — «O branco e o preto»

GIMNASIO — A's 21.30 — «O Rosário»,

POLITEAMA — A's 21 — «O ferrefro de aldeia» e «O Excentrico».

AVENIDA — A's 21.30 — «Agua-pé».

APOLO — A's 20.30 e ás 22.30 — «A Severa».

EDEN TEATRO — A's 20.30 e 22.30 — «Rosas de Portugal»

MARIA VICTORIA — A's 20.30 e 22.30 — «200 contos»,

VARIEDADES — A's 20.45 e 22.45 — «Sedas y flores», (Companhia Espanhola).

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Companhia de circo.

SALÃO FOZ — A's 15 e ás 21 — Variedades e cinema

TIVOLI — A's 21 - Animatógrafo.

ODEON -- A's 21 -- Animatógrafo. A Grande Parada.

SALÃO CENTRAL -- A's 15 e ás 20.30 Animatógrafo.

OLIMPIA -- Cinematógrafo e concerto.

CHIADO TERRASSE -- 20.30 -- Animatógrafo.

m a r i n h a s

I

A balada p'ra pesca. O Sol-Artista,
Ardendo-lhe a paleta com as côres,
Deita-a na onda: e a onda cria flôres
Para as lançar de novo ao Luminista.

Freme o pincel ultra-violeta. Ardores.
Além, corvo marinho, a minha vista,
Longínqua, sonha palpitar na crista
Dum mar de Turner... Eia, pescadores!

Também quero vogar aos quatro ventos,
Melanisando ao sol os tegumentos,
A bôca a rir num júbilo escarlate...

Para o mar, para as ondas... Leva a táboa
Do meu berço infantil, e, à beira d'água,
Calafeta calões, ó Calafate! ..

Estoi

II

Negro roaz, tal o calão balança.
O chloreto do mar, espuma travo.
(Boiam vozes de náufragos). Avança
O atum — o filho do Oceano bravo...

— «Ao massacre, ao massacre» — o homem pravo
Clama vingança contra o mar. Vingança!
E o sol dardeja fero; e até eu cravo
O aço das pupilas na matança...

Rasga-se a bruma em algodões e gaze
Pensando os monstros — carnes copejadas,
Sangue, tinta hemorrhágica, pagã...

E o aflitivo mar, pela hemostase,
Abre no ar as ondas nickeladas,
— As pinças nickeladas de Pean!

EMILIANO DA COSTA

A A R T E E O R I S O

P R E F Á C I O D O L I V R O

O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo

Por SAAVEDRA MACHADO

RAFAEL BORDALO PINHEIRO E O RISO. — ESBOÇO DO RISO ATRAVÉS DA FILOSOFIA, DA MEDICINA, DOS CANCIONEIROS, DE ALGUNS CLÁSSICOS E DE LOCUÇÕES POPULARES. — QUALIDADES DOMINANTES NO ARTISTA. — SAAVEDRA MACHADO E O SEU ESTUDO.

DA vasta produção do artista de amplos recursos e assinalado mérito que foi Rafael Bordalo Pinheiro, ressalta, expresso com exuberante relêvo, o propósito de fazer rir. Admirador de Xavier de Novais, cuja veia satírica e de improviso zombeteiro grangeara renome, apreciava o convívio de literatos, cultivadores audazes e joviais do humorismo, ironia e facécia, entre outros, nomeadamente, Júlio Cesar Machado e Guilherme de Azevedo, e nutria a paixão da vida do palco, bem manifesta em seu alvoroçado entusiasmo pelos actores célebres do tempo.

E, dessas influências e naturais pendores, surge o seu talento, por ingénita vocação inclinado a exteriorizar a idéa e a imagem em formas plásticas, resolutamente orientado segundo esta directriz, quási por êle convertida em missão de alcance social — provocar o riso.

Nos domínios da sua actividade artística, ninguem, de-certo, conseguiu entre nós realizar com maior êxito o seu intento.

Rafael Bordalo fez estremecer a frouxos de riso as ilhargas e proeminências abdominais dos seus contemporâneos, arrepanhou-lhes a face na convulsão da gargalhada e, já de lábios repuchados e bôca escancarada, espremeu-lhes, por entre os olhos a faiscar, os sacos lacrimais, pondo-lhe, através de tregeitos e ademanes peculiares, a variada mecânica muscular em vibração.

A uns afastou-lhes ainda com leveza os risórios e zigomáticos, na expressão de sorriso, enquanto a outros imprimiu aquela máscara contrafeita dos que se reconhecem alvo da troça, pilhéria ou crítica — a do riso amarelo.

Foi mestre de primeira plana em gerar essa descarga ideo-motora e reflexa que encrespa em actividade a musculatura facial, a da fonação e a respiratória, essa parcela anímica e de cambiantes fugazes, que se tornou o enlêvo de vários filósofos, desde Aristóteles e Cícero ate o poético Bergson.

■

Andando a arte e o riso muitas vezes juntos, tentou a filosofia tomar êste à sua conta, para insinuar que, embora lhe chamassem grave, sabia entreter-se com a própria imagem da travessura. E levou avante seu capricho, conseguindo, no desdobramento de interpretações e

conjecturas, provar ainda à evidência que, num todo de naturalidade despreocupada de leve suspeita, realizava, de quando em quando, com o riso, prodígio análogo ao de Monsieur Jourdain com a prosa.

Ainda bem que os filósofos, encarando-o cada qual sob certo aspecto especioso, lhe não conseguiram desvendar a essência íntima, pois, tentariam, apenas surpreendida e logo cristalizada numa fórmula, infligir à humanidade a condenação de morrer, não no estrebuchar de incontinente gargalhada, mas de tédio, fabricando um rir contrafeito, mecânico e artificial, ferido para sempre de morte o verdadeiro naquele dos seus mais característicos atributos — o da imprevisível espontaneidade.

Voltaire, possivelmente inspirado pelo senso crítico de Cícero, arremessa aos pesquisadores do encantado tesouro esta ironia: «Ceux qui savent pourquoi cette espèce de joie, que excite le rire, retire vers les oreilles le muscle zygomatique, l'un des treize muscles de la bouche, sont bien savants!»

Entretanto, não se eximiu a discretar sobre alguns dos seus predicados e, de acordo com outros indagadores de segrêdos naturais, chega a esta conclusão: «O riso é atributo do homem». Os animais, alguns tão amigos de folguedos, embora pela sua mímica hajam sugerido curiosos elementos à nomenclatura do riso — verbi gratia o riso canino e o horse-laugh britânico, não riem; mas choram, poderia aventar-se. Perdão, nem riem nem choram — afirma o autor do Dictionnaire Philosophique, em cântico unísono com Rabelais.

O riso, ao longo do curso cristalino das teorias a que deu origem, sob a sua varinha de feitiço, deixa reflectir a fisionomia e até a índole particular de seus observadores.

Emquanto Platão, Aristóteles e Hobbes o reconhecem como expansão do orgulho aliada a certa malignidade em deprimir o semelhante, inspirando, por êste modo, a teoria da degradação apurada e desenvolvida por Alexandre Bain — Darwin e Spencer consideram-no mero problema de fisiologia, Pascal, Bossuet e Laménais chegam a condená-lo por nocivo à dignidade humana e, alfim, na escala dos comentadores do riso, Mr. Penjou, que devia ser um idólatra da liberdade, nele vislumbra a expressão do seu ídolo.

Schopenhauer, que se recreia no aspecto divertido do encontro da tangente com a circunferência e o apresenta para exemplo sugestivo do risível, assim reduzido a uma figuração geométrica — descortina neste processo dínamo-psíquico da actividade humana a impertinente mestra da razão, consoante lhe chama, de súbito colhida em confuso embaraço e forçada a confessar sua fraqueza ou ainda, por outras palavras, a vitória da intuição sobre o pensamento abstracto.

Para Renouvier traduz a fuga do espírito à severidade daquela importuna orientadora e certo grau de loucura intencional, voluntária e mansa: «l'animal risible faisant le fou», e vários a identificam à própria razão, ao passo que Mélinand acode expressivo: «c'est la joie spéciale de retrouver la raison dans l'absurde» — delineando, por êstes dizeres, a teoria da discordância, mercê da qual no conteúdo diáfano do riso esvoaça a scintilha da idéa inquieta de absurdo.

Herbert Spencer, no meio de tantas opiniões divergentes, decide-se afoitamente pela interpretação do riso traduzida na fórmula sintética de uma «discordância descendente». Stendhal, ao divagar entre subtilezas, declara, sentencioso, admitir apenas o riso alegre e despreocupado «des petites pensionnaires». E Descartes — cujas teorias filosóficas, baseadas nas especulações da física e da geometria, exerceram notória influência na medicina do século XVII, e que, intentando resolver o problema da velhice, veio a morrer aos 54 anos de uma pleurisia, diagnosticada, no seu fôro íntimo, de reumatismo, e abandonado, afinal, do seu médico, intransigente às originalidades clínicas e terapêuticas do filósofo — imaginava o riso na dependência de mau funcionamento do baço e presumia tal género de doentes propensos em excesso tanto à tristeza como à alegria.

Para uns, ainda, é choque de idéas antagónicas, surpresa seguida de movimento de alívio, contradição, insensibilidade, repetição, fenómeno resultante de saúde moral ou física, de sociabilidade, antipatia, simpatia, ou ambas as coisas simultaneamente.

Agora forceja Mr. Michiels em lhe atribuir função moralizante, possivelmente inspirado na divisa do sugestivo conceito castigat ridendo mores, mas logo adverte insinuante Mr. Laprade a revelar que nem a própria virtude ou grandeza moral permanecem inacessíveis a suas arremetidas.

Ao passo que uns, a exemplo de Chamfort, o preconizam de válida atitude de espírito, tendente a prevenir e suavizar a amargura, outros o consideram aprazível jogo ou divertido exercício. Emquanto Ribot, por entre a sua variada morfologia, julga-o não redutível a uma única causa, denomina-o Dugas, no encaço do Méstre, ao versá-lo com meticulosidade, mero epi-fenómeno, para, em último termo, chegar a esta conclusão negativista: «Il n'est object point proprement de science».

(Continua)

Arlindo Camilo Monteiro

Província -- Ilhas -- Colónias

IMPRESSÕES DUMA VIAGEM AOS AÇORES



Fotografia tirada pelo Sr. Victor Cruz, representando uma empolgante vista panorâmica das Furnas, junto dum estabelecimento de banhos sulfurosos.

Da esquerda para a direita: 1.º ten. Brito, o nosso Redactor, o Dr. Guilherme de Moraes, a gentil filhinha do Sr. Victor Cruz, 2.º ten. Abilio Nunes, o seu Filho Horlando, Dr. Fronteira e Silva (Imédico do «Vasco da Gama») e um aspirante de Marinha.

O Périplo dos Açores, realizado em Setembro do ano findo pelo cruzador "Vasco da Gama", foi extremamente rápido para que eu pudesse colher os necessários elementos de estudo, conforme era meu desejo. Serviu-me, no entanto, para adquirir uma ideia de conjunto e gravar no meu espírito as mais belas e perduráveis impressões.

Não me sendo possível, dada a índole desta revista, desenvolver todos os aspectos que observei, limito-me, por agora, a mencionar apenas alguns factos altamente demonstrativos das excelentes qualidades e atributos do povo açoreano.

Desejo, pois, testemunhar a minha consideração e profundo reconhecimento aos Açoreanos ilustres que tão galhardamente me receberam, comprovando mais uma vez os seus tradicionais predicados de cavalheirismo e hospitalidade.

Antes, porém, devo agradecer ao Ex.º Ministro da Marinha, capitão de mar e guerra sr. Agnelo Portela, e ao prestigioso comandante do cruzador "Vasco da Gama", capitão de mar e guerra sr. Magalhães Correia, a gentilíssima deferência de permitirem que eu fizesse esta viagem estudo a bordo daquêlê cruzador. E, bem assim aos distintos Ajudantes do sr. Ministro da Marinha e Officiais da Guarnição do "Vasco da

Gama", agradeço as provas da maior estima que tão obsequiosamente me dispensaram.

Ilha Terceira — 11 de Setembro.

Após quatro dias de esplêndida viagem chegava o cruzador "Vasco da Gama" a esta formosíssima Ilha.

2 horas da Tarde — Céu perfeitamente límpido. Mar cristalino, dum azul misterioso. Na nossa frente, vai-se deliniando a Ilha Terceira seguindo o barco, suavemente, mesmo em direcção á Praia da Vitória.

Divisa-se, primeiro, uma orla de vegetação e, depois, as casinhas brancas, tendo ao meio a Igreja com as suas torres altaneiras. Vamos contornando a Ilha e observando os seus aspectos mais característicos, os vários fortes e povoações, como a Féteira, São Pedro, etc.

Navegando entre o Ilheu das Cabras e o Monte Brasil, avistámos, ao onçe, a Ilha de São Jorge que parece espreguiçar-se por sobre o oceano.

Estamos observando nitidamente, o Monte Brasil, o Castelo de São João Baptista e, por fim, a gloriosa cidade de Angra do Heroísmo. Desde o Monte Brasil até á vila de São Mateus a encosta é muito arborisada, fazendo lembrar os Estoris.

Lá muito ao longe, na linha do horisonte, já, se divisa a Ilha do Pico, emergindo do oceano. E, na direcção da ponta da Serreta avista-se também a grande distancia, a Ilha Graciosa.

Pôr do Sol! E' magnificente o espectáculo que a Natureza nos oferece. O sol, que tem sido tão nosso amigo, permitindo-nos admirar as incomparáveis belezas destas ilhas, principia a despedir-se. Estamos na hora da Saudade! Faixas de nuvens começam a distender-se por sôbre a Ilha de São Jorge. E a breve trecho vai o astro-rei sendo envolvida por estas nuvens, deixando espargir através delas os seus raios de variadas côres. Deslumbramento! Como hóstia consagrada, o sol apresenta-se-nos á nossa veneração, na custódia aurifulgente da Ilha de São Jorge. E em toda a sua volta estão-se formando línguas de fôgo, de côr escarlate e alaranjada. Atmosfera diáfana. As últimas scintillas de luz fazem-se refletir nas ondas argêntas e cristalinas do mar. Uma gaivota, vinda do ponte, dirige-se para o barco, a trazer-nos a última saudação do Sol deste dia que foi para nós tão carinhoso permitindo-nos gosar os variados aspectos destas ilhas encantadas.

Momento solene! E' a formatura da *faina!* Officiais e praças, com as suas fardas brancas, cada qual vai formar no seu posto. Silêncio em todo o navio, toca a sentido! E todos se perfilam, em continência, ao arrear da bandeira. A nossa alma deixa-se possuir de misticismo, de fé e de júbilo. Afonso Henriques, D. Dinis, Santa Izabel, Nun'Alvares, o Infante de Sagres, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Camões, D. Sebastião . . . e tantos outros "em quem poder não teve a morte"! Herois e Santos — vieram reencarnar-se na pessoa destes valorosos Marinheiros que aqui estão junto de mim e naquelas almas simples e cavalheirescas do povo açoreano, que lá em terra nos aguarda!

Em frente do "Vasco da Gama", já muito perto, a cidade de Angra parece abrir os seus braços para nos receber. As luzes estão acesas, como círios ardendo em nossa homenagem. Ouve-se o estralejar dos foguetes. Alguns barquinhos veem-se aproximando com pessoas que nos querem saudar.

E como apoteose do quadro mais surpreendente que os nossos olhos poderiam ver, ergue-se, magestosamente, a lua cheia, em todo o seu esplendor. E' a maravilha suprema! Tudo nos infunde espiritualidade, harmonia, divino encantamento!

12 de Setembro (Domingo).

Na Ilha Terceira não sei o que admirar mais se os seus encantos panorâmicos e as nobilissimas tradições históricas de Angra do Heroismo, se a fidalguia de todo este povo que me recebe

com extrema afabilidade, prestando-me todos os esclarecimentos e atenções. Uma senhora gentilíssima, a quem perguntei se poderia visitar a Catedral, imediatamente se ofereceu para me acompanhar e servir de cicerone. Falou-me com proficiência, da história da Sé, fazendo-me realçar a sua grandeza architectónica e pondo em relêvo a figura moral e intelectual do Reve.^{mo} Bispo dos Açores, D. António de Castro Meireles.

Impressiona muito bem o aspecto da cidade de Angra, com as ruas bem alinhadas e asseadas. As casas, caiadas de branco, apresentam o caracter das antigas casas e solares portuguesas. Aproveitei a manhã para, muito rapidamente, visitar a cidade, a fortaleza de São João Baptista e subir ao Monte Brasil, observando a Caldeira e os surpreendentes panoramas que deste Monte se disfrutam.

De tarde, com alguns Officiais de Marinha, realizei um excelente passeio de automóvel á Serreta, linda povoação a cerca de 50 k.^m de Angra. Durante todo o trajecto encontramos muitas povoações com as suas casinhas brancas, donde reparigas formosas e toda esta boa gente nos dirigiam entusiásticas aclamações. Peões, automóveis e carrinhos de todos os feitios cruzavam-se na estrada, transportando romeiros de Nossa Senhora dos Milagres.

Na Serreta, por esta época, reúnem muitas famílias de Angra, da Praia da Victória e de vários outros pontos, para fazerem o seu veraneio e assistirem ás várias festas religiosas e ás tão características touradas á corda. Por um feliz acaso, encontrei dois colegas, meus contemporâneos da Faculdade de Direito, o Dr. Rodrigues, conceituado notário e advogado em Angra, e bem assim, o dr. Arruda, chefe do Registo Civil na Praia da Victória; e ainda um jovem angrense, o distinto estudante da Faculdade de Direito, sr. Gualter Cardoso, que me forneceu alguns elementos acerca dos costumes e predicados da gente da sua terra. Outro facto se deu na Serreta, que eu não devo olvidar. Foi a maneira extremamente gentil como se dignou receber-nos, na sua residência, o rev. Pároco sr. P.^o António Cardoso. Também aqui se encontrava o sr. P.^o Costa Ferreira, illustre Redactor do jornal de Angra "A União", para onde enviou uma noticia muito amável sôbre a missão de estudo que eu andava fazendo e os votos que formulei pelo ressurgimento nacional, pelo revigoramento das energias latentes da nossa raça, que a geração nova, iluminada pelos salutareos princípios da crença e do patriotismo, ha-de saber conduzir aos mais gloriosos destinos.

(Continua)

M. Gomes dos Santos

C O L A B O R A Ç Ã O

No próximo número publicaremos a que fôra anunciada para este e que por falta de espaço tivemos de retirar



R. S. Paulo, 232 — 2.º
L I S B O A

Fotogravura, Zinco-
gravura, Tricromia,
Desenho

FOTOGRAVURA NACIONAL, L.ª

GRAVURA
EM TODOS
OS GENEROS

R. DA ROSA, 273

L I S B O A

TELEFONE NORTE — 3538



FUNDIÇÃO TIPOGRAFICA

A F U N T I P O

Proprietário e Director técnico P. Gini

Telefone 4236 Norte

Escritório e oficinas:

Rau Nova da Piedade 50 A a 52 B

— — LISBOA — —



Armazens Gráficos

MAQUINAS--TINTAS--TIPOS--PAPEIS

A. Rodrigues & C.ª L.ª

(Casa Fundada em 1900. — Capital Real:
Esc. 500.000\$00)

Séde ; Rua Nova do Almada, 244 e 227.
P O R T O

Filial em LISBOA : R. do Pôço dos Ne-
gros 83 a 89 — Telef. T. 98.

Cooperativa Editora e Tipográfica

“ R E S U R G I M E N T O ”

TODOS TEEM INTERESSE EM SER SÓCIOS
ACÇÕES DESDE 20 A 5.000 ESCUDOS

Cada subscriptor deve obter o maior número possível de novos accionistas, no seu próprio interesse e no da Cooperativa.

Cada proponente tem direito a um *bonus* de 3%, sobre as acções liberadas.

Só teem direito a elegibilidade para os cargos sociais da Cooperativa, os accionistas que capitalizarem para cima de 50 acções.

Enquanto a Cooperativa estiver *em organização*, todo o capital fica integralmente garantido, com o juro do Banco de Portugal.

Pedir boletins de inscrição e mais indicações ao

Escritório e oficinas: Travessa de André Valente, 7-1.º E.º — LISBOA

A APARECER:

SAAVEDRA MACHADO

O DESENHO E AS MULHERES

no labor artístico de Rafael Bordalo

Com ilustrações do glorioso artista

Prefácio do

Dr. Arlindo Camilo Monteiro



Edição da Coop. Tip. Editora
"RESSURGIMENTO"
T. André Valente, 7 — 1.º E. Lisboa.

Livro de grande interesse para as Escolas, para os Artistas e para o Povo.

A obra completa consta de três belos tomos e custa apenas 30 Esc.

Cada tomo, primorosamente ilustrado, 10 Esc.

Aos srs. assinantes dos 3 tomos [pagamento adiantado] faz-se o desconto de 10,º.

= EDIÇÃO LIMITADA — NÃO DEMORE A INSCRIÇÃO =